

Ainda a propósito da Saudade

A leitura da “Saga da Saudade” fez-me reflectir sobre o que possa ser o *sentir* português. Que sentimento é esse, afinal, que a palavra saudade designa? E porque motivo não tem a saudade, tradução em outras línguas? A acreditar que “os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”¹, dir-se-ia que só quem pensa e escreve em português pode sentir saudade.

Estas considerações reforçam a ideia de que a língua reflecte um modo de estar, um modo de pensar (e de sentir?) de quem a fala. Senão vejamos: quando se pergunta a um português “como estás?”, independentemente do tom amistoso ou da expressão afável que possam acompanhar a questão, a resposta é invariavelmente, “vai-se andando...”. Ao colocar o sujeito em primeiro lugar na construção da frase, o inglês destaca-o e afirma-o: “I’m fine”, *eu* estou bem. O português esconde-se na ambiguidade do gerúndio; mantém no ar o enigma; prolonga-o no tempo de um sujeito aparentemente ausente no diálogo. Não sabemos quem vai, e menos ainda, para onde vai. Subentende-se a inexistência de um projecto, ficando o destino entregue (como sugeria Providência), ao acaso e aos desígnios de Deus.

Mas seja por inconsciência, por crença ou por curiosidade, a verdade é que o português *deixa-se ir*, causando ainda que inadvertidamente, o *encontro com o outro*. Ao descomprometimento com o tempo (com *o seu* tempo), que a saudade insinua, acresce paradoxalmente, o compromisso com a *alteridade*. A história evidencia a disponibilidade do português para *acolher em si*, o que lhe era inicialmente estranho e diferente. E é nessa *ponte*, de *si para o outro*, que encontra a sua afirmação, assim dita por Mário de Sá-Carneiro: “Eu não sou eu nem sou o outro, sou qualquer coisa de intermédio”.

Coloca-se então a questão: faz sentido falar num sentir e num pensar português? Se sim, como se manifesta a identidade (enquanto qualidade do que permanece), face à saudade, à incerteza do destino, à ambiguidade do encontro e à subjectividade do acolhimento? A resposta mais prosaica seria: o português *desenrasca-se*! De uma forma mais profunda, Agostinho da Silva sustentava que o que distinguia o português como povo e como cultura seria “o albergar em si, tranquilamente, variadas contradições impenetráveis, até hoje, ao racionalizar de qualquer pensamento filosófico”².

Alain Touraine dizia há semanas, em entrevista ao jornal Público³, que o futuro se fará pela redescoberta da “autonomia do sujeito, (...) a reivindicação de ser um sujeito na situação actual”. Nesta mudança, acredita serem as mulheres os *actores* emergentes, fundamentais para a “invenção de uma cultura da subjectividade”. E se a considera uma “questão de mulheres” é porque se exige, “um olhar para o interior, para dentro de si”. Deduz-se também pelas palavras de Touraine, que a

¹ WITTGENSTEIN, Ludwig - *Tratado Lógico-Filosófico*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2002: p.114 (5.6)

² MENDALHA, Victor - *Conversas com Agostinho da Silva*. Pergaminho: Cascais, 2006: p.61

³ Suplemento P2 de 9 de Dezembro de 2007

subjectividade passa por uma consciência do corpo e da sua imagem, pelo envolvimento profundo entre a pessoa e o mundo em que vive. Retoma-se a ideia de *uso da vida*, a que Merleau-Ponty já aludira. O *uso da vida* contemporânea exige um saber essencialmente performativo, que ao invés de fundamentar pela razão o conhecimento, seja capaz de fazer as pessoas felizes. Dizia Paula Pereira que “a construção intelectual já não se compadece com a ‘investigação’ linear que visa a certeza e a eficácia. (...) A crítica e a reflexão já não se dirigem às limitações ‘impostas’ pelo racionalismo e pelo *cogito*, mas a um mundo-fluxo difícil de apreender, repleto de sinergias e de símbolos sedutores aos quais não escapamos, e que por isso requerem novos caminhos.”⁴ Saber viver implica hoje, ser capaz de *sentir*.

O português empenha-se quando se trata de perceber o outro. *Perceber* porque é o corpo e os sentidos que o guiam nessa descoberta. O outro nunca se chega verdadeiramente a conhecer. Percebemo-lo nos seus gestos, nas suas palavras, nos seus desenhos ou na sua expressão. Sentimo-lo. Sentimos em nós a dor, na dor que o outro sente⁵. O corpo-em-si percebe os outros corpos e neles se descobre, no confronto e na resolução das diferenças. É no outro e pelo outro que se afirma a *ipseidade*. Acolher o outro-em-si, pode fazer despertar ou recuperar qualidades ocultas, desconhecidas ou simplesmente esquecidas. *Acolher* no sentido em que Paula Pereira o concebe: “não como uma forma frágil de pensamento, mas como capacidade de ser afectado e como capacidade de experienciar sentimentos” (PEREIRA, 2007:211). A antinomia imanente à condição de *ser português*, tão bem patente na obra de Antero de Quental. Por um lado, a *dor e o sofrimento* (a saudade?) que o imobilizam; por outro o impulso latente para a liberdade, a *fuga para a frente*.

Quando demonstrei o meu interesse pelo estudo da ilustração, fui alertada para a possibilidade de *navegar em terreno pantanoso*, em *terra de ninguém* (as metáforas aplicadas eram todas igualmente sugestivas). Como uma espécie de filha bastarda, a ilustração é rejeitada pelo Design por considerar o programa pelo qual se rege demasiado permissivo; enquanto a Arte lhe nega autenticidade, expressão e sentido. Não sendo o ressurgimento da ilustração ficcional um fenómeno exclusivamente português, entende-se o interesse exponencial que tem vindo a merecer entre a nova geração de designers portugueses. Ao ilustrador é permitido entrar no mundo do texto, um mundo distinto do seu-mundo e do mundo lá fora; um mundo-em-si tal como Kant o definira. Um mundo que não é o meu, é ainda o mundo do outro para o qual sou convidado a entrar. Nesse momento, como um actor, incorporo outras personagens, *como se fosse outro*. Projecto-me para além de mim. E faço-me acompanhar nessa viagem, por muitas imagens; melhor

⁴ PEREIRA, Paula Cristina - *Do Sentir e do Pensar. Ensaio para uma antropologia (experiencial) de matriz poética*. Edições Afrontamento: Porto, 2006:p.108.

⁵ Fernando Pessoa: **Autopsicografia**

O poeta é um fingidor. /Finge tão completamente /Que chega a fingir que é dor /A dor que deveras sente. /E os que lêem o que escreve, /Na dor lida sentem bem, /Não as duas que ele teve, Mas só a que eles não têm. /E assim nas calhas de roda /Gira, a entreter a razão, /Esse comboio de corda /Que se chama coração.

dizendo, pelas minhas imagens. Num rodopio, as minhas memórias, as minhas experiências, as minhas emoções, a minha biologia – e o texto. Aí, eu não sou eu nem sou o outro. Mas permito-me ser pilar nessa ponte de mim para o outro. E pelo gesto, represento e apresento as imagens que até então eram só minhas, “ponho no jogo do mundo o meu corpo, as minhas representações, os meus próprios pensamentos (...)”⁶. Ofereço-os, como diz também Merleau-Ponty, ao olhar estrangeiro, se este quiser aparecer. Generosamente, partilho – e neste oferecimento há uma generosidade que é também muito portuguesa.

Embora condicionada pelo programa, há um grau de liberdade e de imprevisto na ilustração que permite a quem ilustra *dizer-se*, ainda que de uma forma não totalmente calculada. O acaso, às vezes tão fecundo.⁷ Ir sem saber exactamente onde quero chegar, mas traduzindo e acolhendo nesse projecto variáveis que nem o mais infalível dos métodos poderia ter concebido. Como Agostinho da Silva, diria que o ilustrador *vai à Índia sem sair de Portugal*, admitindo que nessa viagem ele possa lá chegar, ou como Colombo, descobrir uma *outra* Índia. Ilustrar parece, então, ser uma forma de expressão própria do *ser português*. Conceber uma ilustração é pensar em design; traduzir, subjectivamente, um desígnio; um pensamento “em associação, em afinidade, em apresentação, em acolhimento (...)” (PEREIRA, 2007:104), um pensamento que traduz uma *razão sensível*.⁸ E, porque em design nada garante que um projecto pautado pela lógica, pela razão e por uma rigorosa metodologia colha os melhores resultados, supõe-se ser possível inovar semanticamente arriscando – pela apropriação do imprevisto, pela transmutação do sentido, por fazer significar o acidente ou o engano.

Agostinho da Silva dizia ser “característica do homem português possuir todas as características”⁹, e por isso, quando questionado sobre a possibilidade do *português aproveitar a sua maneira de ser*, respondeu com o que se poderia ter como mote para uma ontologia do design: “Gostaria muito que o povo português se especializasse no imprevisível”. Se *sentir* é indissociável do pensar português, é urgente reconhecê-lo, “[...] fazer mundo ao retomar o seu lugar entre o que sente e o que pensa” (PEREIRA, 2007:314). Tome-se o futuro não apenas como uma *questão de mulheres*, mas como uma *questão portuguesa*. Cumpra-se o vaticínio de Agostinho da Silva, e confiemos ser este o tempo de *ser português*.

⁶ PONTY, Maurice Merleau- - *O visível e o invisível*. Perspectiva: São Paulo, 2005:p.65.

⁷ Ver a este propósito, “Serendipities”, de Umberto Eco e “In defense of the accidental”, de Odo Marquard.

⁸ Conceito aprofundado em MAFFESOLI, Michel - *Elogio da razão sensível*. Editora Vozes: São Paulo, 2005.

⁹ MENDALHA, Victor - *Conversas com Agostinho da Silva*. Pergaminho: Cascais, 2006: pp.61-62